

A DESCONSTRUÇÃO. UM PENSAMENTO PARA AS LUZES DE UM “MUNDO” POR VIR

Fernanda Bernardo¹

RESUMO

À pergunta que nos é endereçada pela intenção subjacente à homenagem admirativa e vigilante deste volume, que pretende assinalar os 20 anos da morte de Jacques Derrida – “*quais são hoje as perspectivas da desconstrução? Quais são os legados da desconstrução para pensar o presente?*” –, este breve artigo tenta responder dizendo e advogando que a Desconstrução é o nome de um *pensamento* que, no contexto da História da Filosofia, designa um *idioma filosófico* de cariz meta-onto-fenomeno-lógico e meta-onto-antropo-lógico portador da Luz para a urgência extrema da necessidade de um novo “mundo” de Luzes por vir.

PALAVRAS-CHAVE

Derrida, Desconstrução, Idioma, Pensamento, Hospitalidade, Ética, Luzes

RÉSUMÉ

À la question qui nous est adressée par l'intention qui sous-tend l'hommage admiratif et vigilant de ce volume qui entend marquer le 20^e anniversaire de la mort de Jacques Derrida – « *quelles sont les perspectives de la déconstruction aujourd'hui ? Quels sont les héritages de la déconstruction pour penser le présent ?* » –, ce bref article essaie de répondre en disant et en défendant que la *Déconstruction* est le nom d'une *pensée* qui, dans le contexte de l'Histoire de la Philosophie, désigne un *idiome philosophique* à l'allure méta-onto-phénoméno-logique et méta-onto-anthropo-logique porteur de la Lumière pour l'extrême urgence du besoin d'un nouveau « monde » des Lumières à venir.

MOTS-CLÉS

Derrida, Déconstruction, Idiome, Pensée, Hospitalité, Éthique, Lumières.

¹ Filosoficamente posicionada na Desconstrução, Fernanda Bernardo é professora de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e tradutora de Jacques Derrida, Maurice Blanchot, Jean-Luc Nancy, Emmanuel Levinas e Hélène Cixous.

1. A Desconstrução – um idioma de pensamento filosófico

“*La philosophie est liée à jamais à des idiomes*”

Jacques Derrida, *Le goût du secret*, p. 17

“*J’essaie de penser la possibilité de l’impossible*”

Jacques Derrida, *Sur le don*, p. 196

(...) “*quais são hoje as perspectivas da desconstrução? Quais são os legados da desconstrução para pensar o presente?*”, é-nos perguntado. Tentativa de *uma* resposta...

A Desconstrução – que, como um *nome próprio* com as vicissitudes¹ que, inevitavelmente, lhe são inerentes, eu maiúsculo, tal como maiúsculo os nomes Fenomenologia, Hermenêutica, Existencialismo’s ou Estruturalismo’s e etc. quando, muito simplesmente, pretendo referir-me a estes idiomas do *corpus* filosófico –, a Desconstrução, dizia, é, para mim, o nome de um *pensamento* que, no contexto da História da Filosofia, pretende designar um *idioma filosófico*. Um novíssimo *idioma filosófico* porque, se é certo o *idioma* estar sempre do lado da singularidade² e, portanto, do lado da intraduzibilidade, do segredo e da resistência³, “a Filosofia está para sempre ligada a idiomas.”⁴ Explicitemos.

Sendo embora sem idade – no sentido em que é ditada e magnetizada pela *véspera* absoluta do grande texto da ocidentalidade filosófico-cultural –, *desde sempre* há já desconstrução a operar⁵: *desde sempre*, isto é, e como Derrida o refere, desde o primeiro raio de luz, desde o primeiro gesto, desde a primeira letra, desde o primeiro *rastro* que terá inaugurado o porvir desta *véspera* absoluta: uma *véspera*, um *passado absoluto* que é um *in-finito porvir*. Uma *véspera* fecunda e alimentícia que, no reiterado e proclamado dizer do filósofo, nunca se faz dia, isto é, nunca se torna um amanhã-presente (“*C’est pas demain la veille!*”⁶), configurando

1 Indissociável da problemática da *arqui-escrita* e, portanto, do *graphein*, da *marca* ou do *rastro* [*trace*] em geral na sua condição de apagamento ou de obliteração e de divisão da *origem* (plena), da *presença* e do *próprio*, a questão do *nome* e do *nome próprio* percorre toda a obra derridiana – para além de *De la Grammatologie* (1967), de *Signéponge* (1983), de *Otobiographies* (1984), de “Comment ne pas parler. *Dénégation*» (1986), de «Sur le don» (in J.-L. Marion, *Figures de Phénoménologie*, *op. cit.*, p. 194-195) e de *Le goût du secret*, *op. cit.*, p. 79-82; 97-99, veja-se, nomeadamente, a trilogia constituída por *Passions* (1993), *Sauf le nom* (1993) e *Kbôra* (1993).

2 Como bem lembra Derrida, “De cada vez que devem inventar a vossa própria via, o vosso idioma, a resposta é idiomática.”, Derrida, *Moscou aller-retour*, *op. cit.*, p. 117.

3 Cf. Derrida, J., *Résistances – de la Psychanalyse*, *op. cit.*, p. 51.

4 Derrida, J. in Derrida, J., Ferraris, M., *Le goût du secret* (Paris: Hermann, 2018) 17.

5 Cf. Derrida, Jacques, *Passions* (Paris : Galilée, 1993), p. 85.

6 Note-se a insistência do sintagma na obra de J. Derrida. Cf. “Voyous”, *op.cit.*; p.160-161; “Un ver à soie”, p.67.

antes um eterno promissor “*futuro anterior*” [“*futur antérieur*”], não por acaso o tempo verbal da Desconstrução. Uma *véspera* que, designando a fonte da escatologia messiânica do tempo, é no entanto passível de assumir muitas outras designações – por exemplo, a de fora, a de limite/limiar, a de margem, a de silêncio ou a de segredo⁷ (*secretum – se-cernere / Geheimnis*) ... Um segredo no entanto sem segredo, um segredo “irreduzível, indestrutível, irreprimível”, precisará *Répondre – du secret* (2024); um segredo que, à semelhança de *Khôra* (do *Timeu*), uma “véspera sem idade” que será um dos quase-nomes históricos que o designará, permanecerá secreto, mudo, impassível, porque estranho e resistente à própria palavra, à história⁸ e à tradição. À própria civilização, na qual lavra a falha sísmica que subterraneamente a trabalha. Numa palavra, um segredo estranho e resistente ao aparecer – à onto-fenomenalidade.

Um segredo *ab-soluto* que terá cativado o gosto de Jacques Derrida⁹ e que ditou (e dita) a *paixão* da Desconstrução pela *différance* ou pela *alteridade ab-soluta* e, *ipso facto*, pela ininterrupta interrupção¹⁰ na sua condição de *separação ligante* – uma *paixão*, todavia, sem martírio, como o *terminus* de *Passions* (1993) faz questão de o sublinhar. Uma *paixão* que, para além de designar o registo heteronómico *deste pensamento*, designa também o seu perfil *meta-onto-fenomeno-lógico* e *meta-onto-teo-lógico*, designando a originariedade do luto e da tecnicidade. Digo bem, *deste pensamento*, o registo heteronómico *deste pensamento* – isto porque, sendo embora sem idade enquanto gesto, atitude, condição ou incondição, a verdade é que a Desconstrução designa, antes de mais, um *pensamento*, um *idioma de pensamento filosófico* ligado ao pensamento, à obra e ao nome de Jacques Derrida (1930-2004).

De facto, para além do extra-ordinário legado de uma obra imensa – uma obra que toca praticamente todos os registos dos saberes e cuja edição, estendendo-se¹¹ de 1962 a 2004, continua a surpreender-nos ainda pela edição em curso do corpo dos seus seminários, que nos trazem o rigor da palavra docente do filósofo até 2003 –, a Desconstrução

7 “A solidão, o outro nome do segredo [...], não é da consciência, nem do sujeito, nem do *Dasein* [...] não se deixa decifrar nem recobrir pela relação ao outro, pelo ser-com ou por qualquer forma de “laço social”. Mesmo se os possibilita, não lhes responde – ele é o que não responde. Nenhuma *responsiveness*. Chamar-se-á a isto a morte? A morte dada? A morte recebida? Não vejo razão para não chamar a isto vida, existência, rastro”, Derrida, J., “Sur le don” in J.-L. Marion, *Figures de Phénoménologie*, op. cit., p. 69-70.

8 Cf. Derrida, J. *Passions*, op. cit., p. 61-62.

9 Que, muito explicitamente, o confessa: “Eu tenho o gosto do segredo”, Derrida, J. in Derrida, J., Ferraris, M., *Le goût du secret*, op. cit., p. 72.

10 Lembremos que a Desconstrução derridiana se assume como um “Dar a ler a interrupção”, Derrida, J., “Circonfession”, op. cit., p. 53

11 Embora redigido em 1954, *Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl*, apenas foi editado em 1990.

derridiana lega-nos, antes de mais, *um pensamento*: o dom do idioma de um *pensamento* que, dando-nos a re-pensar de novo e diferentemente o próprio *pensamento*, é, em si próprio, um apelo para, a cada instante, se pensar, re-pensando de novo e de outro modo: para *tudo* re-pensar, e para *tudo* re-pensar de novo e de outro modo – *tout autrement!* A Desconstrução é, antes de mais, sinónimo de re-pensar – é o direito que o pensamento se outorga a si mesmo para examinar, questionar e reelaborar todos os pressupostos e/ou pre-conceitos. Como Derrida já o referia em *Positions* (1967), desconstruir, “Desconstruir” a filosofia, nomeadamente, seria pensar a genealogia estruturada dos seus conceitos da maneira mais fiel, mais interior, mas ao mesmo tempo a partir de um certo fora por ela inqualificável, inominável ...”.

Razão pela qual, no deserto e no cinzentismo crescentes dos nossos dias essencialmente mobilizados pelo tecnológico e pela sloganização jornalística, tenho este *pensamento* – que, no contexto da História da Filosofia, tenho pelo mais radical, corajoso e pelo mais justo – por uma Luz não só para nos levar a pensar, a *bem* pensar o (dito) presente – ele que, justamente pela atenção a esta *véspera* que nunca se faz dia conjuga uma atitude de *vigília* e de resistência, também nos ensina a fazer a distinção¹² entre “agora” e “presente”, lembrando-nos, além disso, a irreparável e alimentícia disjunção do próprio instante-presente – sempre “*out of joint*” – , mas para as Luzes de um novo “mundo” de Luzes por vir¹³. Um *pensamento* que se me afigura a Luz necessária e justa para a urgência extrema da construção de um novo “mundo” de Luzes por vir – porque, como no já longínquo ano de 2003, em conversa, Derrida me disse um dia a caminho de Coimbra, há *mais de um* Iluminismo¹⁴. Há *mais de um* Iluminismo e nós precisamos, e com toda a urgência, de um outro, novo e diferente. A Desconstrução derridiana¹⁵ como desconstrução do *Logocentrismo* – isto é, da

12 “(...) a dissociação que se impõe é uma dissociação entre a singularidade do agora [*maintenant*] e a do presente [*présent*]. Há agora sem presente.”, Derrida, J. in Derrida, J., Ferraris, M., *Le goût du secret*, *op. cit.*, p. 18.

13 “Le “Monde” des Lumières à venir” é, lembramos, o título da segunda conferência que compõe *Voyous* (1993) – tr. Gonçalo Zagalo, Hugo Amaral, Fernanda Bernardo, *Vadios* (Coimbra: Palimage, 2009), 211 ss.

14 No seu discurso de agradecimento do *doutoramento honoris causa* recebido, em 1993, na Universidade de Pécs (Hungria), Derrida assume que foi sempre em nome desta tradição que trabalhou, em nome “daquilo a que chamaram, propriamente ou por metonímia, as *Luzes* [*Lumières*], a *Aufklärung*, o *Enlightenment*, o *Illuminismo* (coisas que não se deveriam reduzir, demasiado rapidamente, ao mesmo), as do séc. XVIII ou de outros séculos, as que o próprio séc. XVIII europeu desenvolveu ou desviou, aquelas de que precisamos e teremos ainda necessidade hoje e amanhã, mais do que nunca.”

15 Única, enquanto *idioma filosófico* ligado a um dado autor/pensador, não só *há mais de uma* Desconstrução (consoante os seus autores ou os seus signatários), mas, em si própria, isto é, num mesmo autor/pensador ela é também *mais de uma*, porque sempre também ligada à singularidade da *vez* a cuja injunção

centralidade do *Logos* como poder – é a *condição de possibilidade* e a *promessa* desse outro, novo e diferente, Iluminismo: um Iluminismo agora ditado por um *racionalismo incondicional* que arvora a distinção – bem como a hiper-radicalidade ou a hiperbolicidade – da *desconstrução* (como gesto de pensamento) relativamente à *crítica*, sempre ainda de feição e tessitura onto-lógicas, como a *Aufklärung* de recorte kantiano o atesta. Demarcando-a do domínio da razão manipuladora, calculadora, tanto quanto do linguisticismo (*Logo-fono-centrismo*), do irracionalismo e do niilismo, lembremos a importante passagem de *Voyous* (2003) que predica justamente a Desconstrução como um “*racionalismo incondicional*” – o *racionalismo* de uma *razão razoável* (distinta da *racional*) que tem em conta o incalculável, ou seja, a intempetividade e a surpresa do evento *do que vem* ou *de quem vem*; e um *racionalismo* que re-afirma a cada passo a vivacidade e a dignidade de um *pensamento livre*, que poder algum (estatal, teológico, económico, mediático, ...) logra intimidar e tolher.

Porque a desconstrução, se algo de tal existisse, permaneceria a meus olhos, antes de mais, um racionalismo incondicional que não renuncia nunca, precisamente em nome das Luzes por vir, no espaço por abrir de uma democracia por vir, a suspender de forma argumentada, discutida, racional, todas as condições, hipóteses, convenções e pressuposições, a criticar incondicionalmente todas as condicionalidades, incluindo as que ainda fundam a ideia crítica, a saber, a do *krinein*, da *krisis*, da decisão e do juízo binário ou dialético. (Derrida, 2003, p.251)

2. A Hospitalidade – “a pulsão ou o pulso” da Desconstrução

L’hospitalité, c’est un nom ou un exemple de la déconstruction.

Jacques Derrida, *Hospitalité, II*, p. 152.

Distinta da *crítica*, de recorte ainda ontológico, a Desconstrução não é também uma filosofia, um método, uma doutrina, uma disciplina ou um saber, como, aliás, reiteradamente Jacques Derrida¹⁶ o lembra, nomeadamente na sua “Lettre à un ami japonais”¹⁷ (1985) na qual é difícil não aperceber um eco de “D’un entretien de la parole. Entre un Japonais

responde: “Não há uma desconstrução. Há desconstruções”, precisa Derrida em *Moscou, aller-retour, op.cit.*, p. 125.

16 Cf. Derrida, «Et cetera...» in *Cahier de l’Herne Derrida, op. cit.*, p. 25.

17 Derrida, J., «Lettre à un ami japonais» in *Psyché, op. cit.*, p. 387-393. Carta na qual é difícil não aperceber um eco de “D’un entretien de la parole. Entre un Japonais et un qui demande» de Heidegger [in Heidegger, M. *Acheminement vers la parole*, tr. fr. J. Beaufret, W. Brokmeier e F. Fédier (Paris: Gallimard, 1976) 85-140], onde, depois de dizer que “o homem se situa “na relação” (*im Bezug*) hermenêutica à duplicação originária, Heidegger pensa a atenção do pensamento à *partida/ despedida* (*der Abschied*) em termos de *atenção ao evento do que foi* e como *reunião do que durou* e que *permanece o Mesmo que o anuncia*, cf. *op. cit.*, p. 117-118 e 139-140.

et un qui demande” de Heidegger, onde o filósofo de *Sein und Zeit* (1927), a par de proclamar a digna *monstruosidade* do pensar¹⁸ pela atenção e relação cuidadosa à transcendência do ser, reafirma também a pulsão deste pensar para a *reunião* [*Versammlung*] e, portanto, para a polissemia – a Desconstrução derridiana é um *pensamento*: um *pensamento* dotado de pressupostos “teóricos” próprios – *um pensamento da experiência do próprio pensamento como evento*, isto é, como *o que acontece*¹⁹, *como justiça* e *como hospitalidade*.

A fim de tentar ultrapassar as, hoje em dia crescentemente frequentes, sínteses comparativas entre obras e/ou filósofos – do gênero, Derrida nesta obra fala disto ou daquilo, Derrida pensa esta problemática assim e Heidegger, por exemplo, pensa-a assim – , bem como as datações e a evolução cronológica das problemáticas – do gênero, a questão do político ou do perdão ou do... apenas surgiu nesta obra, etc. – assim penso eu a Desconstrução derridiana e assim gostaria de, embora muito sucintamente, a apresentar aqui, salientando a sua singularidade²⁰ – a sua singularidade como *idioma de pensamento filosófico*, precisamente, bem como a singularidade do seu *pensamento da hospitalidade* e das suas implicações no plano do (dito) subjetivo, do jurídico e do político, uma vez que, depois de, em *Force de Loi* (1994)²¹, Derrida ter muito explicitamente equacionado a (sua) Desconstrução à Justiça, à incondicionalidade e à indesconstructibilidade da Justiça na sua irreduzível distinção do Direito, no segundo volume do seu Seminário de 1996-1997, *Hospitalité* (2022)²², o filósofo equaciona-a também, e também muito explicitamente, à *hospitalidade*: trata-se de um seminário que nos dá Derrida a ler, a re-pensar e a *contra-assinar*

18 Cf. Heidegger, M., *Qu'appelle-t-on penser ?*, *op.cit.*, p. 25-35.

19 “A desconstrução é o que acontece – é “o que acontece” ou é “quem chega”, a chegada do evento e a chegada do chegante.”, Derrida, J. “Fidélité à plus d’un” in *Cahiers Intersignes*, número 13 outono 1998, *Idiomes, Nationalités, Déconstructions* (Paris / Casablanca: ed. Toubkal/ ed. De l’Aube, 1998), p.261.

20 Salientar a sua *singularidade* e não, como estranhamente pretende Françoise Dastur, dar “uma visão global” da obra de Jacques Derrida, apesar, diz ainda Dastur, “da sua notável unidade temática – uma unidade que não se esperaria de todo do autor de *La Dissémination*.”, Dastur, F., “Liminaire. Derrida» in *Derrida, Revue de Métaphysique et de Morale*, 1, Janvier-Mars 2007, p. 3. Entendemos que a compreensão da Desconstrução como *idioma de pensamento filosófico*, dotado de pressupostos próprios – os da *différance* – , evitaria a surpresa de Dastur relativamente à dita “notável unidade temática” da obra de Derrida e impedi-la-ia de fazer afirmações do gênero: “Para Derrida, que opõe de maneira radical a vida e a morte, a presença e a ausência, [...]”, *op. cit.*, p. 19. Vale talvez a pena lembrar as próprias palavras de Jacques Derrida na sua condição de desconstrutor/pensador da origem plena e, *ipso facto*, da presença e de todos os dualismos oposicionais e hierárquicos: “o que o tempo todo me preocupou é o heterogêneo, quer dizer, aquilo que nem sequer se opõe.”, Derrida, J., *Le goût du secret*, *op. cit.*, p. 42.

21 “*A desconstrução é a justiça*”, Derrida, J., *Força de Lei*, tr. Fernanda Bernardo (Porto: Campo das Letras, 2003)

22 Derrida, J., *Hospitalité, II, Séminaire (1996-1997)*, s/d Pascale-Anne Brault e Peggy Kamuf (Paris: Seuil, 2022).

Levinas, Emmanuel Levinas (1906-1995), que Derrida tem por um “grande pensador da hospitalidade”²³ – mais precisamente, por um pensador da “eticidade da ética”²⁴, isto é, da *condição de possibilidade* da ética, e por um pensador da *ética da hospitalidade*, na verdade da *ética como hospitalidade*²⁵, de cuja *incondicionalidade arqui-originária* ele nos dá *como que* a deduzir – é, na verdade, a própria palavra de Levinas: *déduire*²⁶ [deduzir] – um direito e uma política da hospitalidade, pensando audaciosamente “o direito para além da lei”²⁷ e “a política para além da política”²⁸ pensada e concebida no âmbito da estrita soberania do Estado-nação e da autoctonia, assim propondo também uma re-elaboração da singular relação existente, ou a dever existir, a desejavelmente dever existir, entre a ética (no sentido de meta-ética ou de hiper-ética, e não no sentido de ética filosófica ou sistemática), o direito e a política. Uma re-elaboração que dá também conta da *praxistividade* ou da performatividade não só deste *pensamento* – *um pensamento* que, como o filósofo o refere em “Le lieu dit: Strasbourg” (2004), se plasma numa *escrita pensante* que se configura na filosofia, na literatura, na poesia, na música, no teatro, nas artes visuais, na arquitetura, na política, e etc. –, mas também deste *pensamento da hospitalidade e como hospitalidade* e, por conseguinte, das suas implicações no domínio do instituído. *Hospitalidade* que, para além de configurar a atitude e a divisa da *Desconstrução como pensamento*, como *idioma de pensamento filosófico* ligado ao nome e à obra de Jacques Derrida, reveste *hoje* também, nesta inquietante véspera das eleições Europeias-2024, a incandescência de uma questão obsidiante – uma questão que, para além de retratar a dita União Europeia, não deixa de retratar também o modo da sua relação ao outro, expondo e denunciando criticamente aquilo que, não sem justiça, E. Balibar designou de *Apartheid europeu*.

Uma re-elaboração que, nas pertinentes palavras de Miguel Abensour, assina a “extravagante hipótese”²⁹ de Emmanuel Levinas: a hipótese que nos dá a pensar a necessidade e a urgência em articular a meta-ética com a política e o direito – uma hipótese igualmente partilhada por Jacques Derrida, pela *indestructibilidade*³⁰ da sua *Desconstrução como pen-*

23 *Ibid.*, 21.

24 Cf. Derrida, J. in J. Derrida, Pierre-Jean Labarrière, *Altérités* (Paris: Osiris, 198), p.70.

25 Derrida, J., *Hospitalité, II, Séminaire (1996-1997)*, *op. cit.*, p. 22-25.

26 “Não contestei o direito nem a política – tentei mesmo deduzir a sua necessidade – mas mostrei também os seus limites éticos.”, Levinas, E., “Dialogue sur le penser-à-l’autre” in *Entre Nous* (Paris: Grasset & Fasquelle, 1991), p.239.

27 Derrida, J., *Hospitalité, II, Séminaire (1996-1997)*, *op. cit.*, p. 24-25.

28 Derrida, J., *Échographies - de la télévision* (Paris: Galilée), p. 76.

29 Abensour, M., “L’extravagante hypothèse” in *Rue Descartes / 19, Emmanuel Levinas*, PUF, 1998, p. 55-84.

30 “Para se sossegarem, eles dizem: a desconstrução não destrói. Tu falas, a minha, minha imensa,

samento filosófico: desenhando, como é sabido, a *indesconstrutibilidade* o assumido *hiperbolismo*³¹ inerente ao registo *meta-onto-fenomeno-lógico* e *meta-onto-teo-lógico* do seu *pensamento* – o registo da *impossibilidade* ou da *incondicionalidade* que rompe com o *onto-fenomeno-lógico* de *horizonte*³² de espera e com o *als Struktur [como tal]* que re-pensa, isto é, que desconstrói, re-pensando o tradicional e dominante registo *onto-fenomenológico* da filosofia em termos *aporéticos*. A par da hiper-radicalidade, inerente à sua *meta-onto-fenomenalidade*, a *aporeticidade estrutural* lavra a dificuldade da Desconstrução³³ como *idioma de pensamento filosófico*, ainda hoje em dia tão incompreendido e tão indigente e arrogantemente maltratado – habituados, como geralmente estamos, ao conforto das ideias e das teorias, esta *aporeticidade estrutural* constitui, de facto, a dificuldade em compreender a Desconstrução como um *pensamento filosófico*: um *pensamento filosófico* dinamizado pelo *impossível* como impossível e, por conseguinte, pela distinção entre *incondicionalidade* e *condicionalidade* ou *soberania* (onto-lógica ou, mesmo, onto-teo-lógica), bem como pela relação e pelo *hiato* que tanto alimenta esta relação como esta distinção. *Hiato* que traça o *desvio* ou a *interrupção* na qual respira a atenção à alteridade – a atenção à salvaguarda da alteridade, ou seja, ao *outro como outro* ou *ao que acontece*, ao *acontecimento da chegada [arrivance]*. *Hiato* que é a marca pontual do “por vir” [“à-venir”³⁴] escatológico ou messiânico desta *véspera*, que é também um *passado absoluto* – um passado que nunca foi presente e que nunca faz um presente. Um *passado* espectral que é e que dita o tempo do tempo, ou seja, o *de vir* tempo do tempo. Lembremos a propósito que, em “Circonfession” (1991), nomeadamente, Derrida – que se tem pelo mais melancólico da sua “geração”, bem como pelo último dos escatologistas³⁵ – diz que é tarefa da Desconstrução “tornar legível a interrupção”³⁶ no tecido do texto (da filosofia, da cultura, da própria civilização), enquanto em *La Conférence de Heidelberg*³⁷ (1988), nomeadamente, o filósofo lembra que a *interrupção* é a própria condição da relação ao outro *como outro*. E

minha imortal, é bem pior – ela concerne o indestrutível. E tem o timbre da minha morte”, Derrida, J., “Envois” in *La Carte Postale*, *op. cit.*, p. 249.

31 Cf. Derrida, J., *Le Monolingüisme de l'autre*, *op. cit.*, p. 82.

32 “É talvez preciso libertar o valor de porvir [avenir] deste valor de horizonte que, no entanto, tradicionalmente o acompanha, sendo o horizonte, como o grego o indica, um limite a partir do qual eu pré-compreendo o porvir. [...] não pode haver porvir como tal se não há alteridade radical e respeito pela alteridade”, Derrida, J., *Le goût du secret*, *op. cit.*, p. 27.

33 “esta singular aporia a que se chama desconstrução”, Derrida, J., *Mémoires*, *op.cit.*, p.133.

34 “Aquilo a que chamo aqui o escatológico ou o messiânico é, justamente, uma relação ao porvir de tal modo despojado e indeterminado que deixa o ser *por vir*, quer dizer indeterminado.”, Derrida, J., *Le goût du secret*, *op. cit.*, p. 26.

35 Cf. Derrida, J., «Circonfession» *op. cit.*, p. 74.

36 Derrida, J., «Circonfession» in *op. cit.*, p. 53.

37 Derrida, J., *La Conférence de Heidelberg (1988)*, *op. cit.*, p. 90-91.

portanto a condição da sua in-finita *ex-apropriação*.

Dito isto, observo ainda que o meu objectivo – e aquilo que tenho por uma tarefa fundamental e da maior urgência – de pensar e apresentar a Desconstrução como um *idioma filosófico* dotado de pressupostos próprios e ligado ao nome, ao pensamento e à obra de Jacques Derrida, no meu entender não a reifica numa teoria, isto é, numa filosofia teórico-sistemática. Sem esquecer que, na pegada de Kant e de Heidegger, embora diferentemente, Derrida não apenas distingue pensamento de filosofia³⁸ – estando a filosofia conotada com “a” *metafísica logocêntrica da presença* e a *subjectividade antropocêntrica*, e sendo o pensamento pensado como uma *experiência pass-act-iva* do evento – como, além disso, lembra que o pensamento, e portanto o pensador-filósofo, está sempre, isto é, está todo o tempo, em cada *aqui e agora*³⁹, sob o golpe do tempo e, portanto, no limite/limiar. No abismo do limite/limiar e sozinho⁴⁰. Sem *pathos*, a singularidade (a-subjetiva) combina sempre, para Derrida e em Derrida, com separação, com segredo e solidão – uma certa solidão. A solidão da finitude – da singularidade ou da unicidade, ou seja, da nossa condição criatural. Daí também o registo autobiográfico, mais precisamente *auto-bio-thanato-hetero-gráfico*, e messiânico ou profético⁴¹ (*profético-po-ético*) da escrita pensante e performativa na qual este pensamento se plasma. Daí também a coragem e uma certa insolência do pensamento – deste pensamento

38 “A partir deste incondicional, eu tento pensar o pensamento, quer dizer, a experiência da condição, da condicionalidade, da exposição de um limite, da exposição a um limite – por mais instável e difícil que seja determiná-lo – entre o condicional e um incondicional que eu gostaria de distinguir da soberania seja de que tipo for, Deus, o príncipe, o monarca ou o povo, bem como de todo o poder”, Derrida, J. in Derrida, J., Roudinesco, E., *De quoi demain ...*, *op. cit.*, p. 200.

39 “(...) tento distinguir entre o agora e o presente, o aqui e agora não está presente, não é o presente.”, J. Derrida em *Portrait d’un Philosophe - Jacques Derrida* em *Philosophie, Philosophie*, *op. cit.* p. 29.

40 «Plus d’un seul seul.» / «(Não) Mais de um único só», Derrida, J., *La Bête et le Souverain I*, *op. cit.*, p. 443.

No limiar, no abismo do limiar ou no limiar como abismo, onde o filósofo-herdeiro – tal como o “eu” – a cada instante, e sob o impacto do instante, deve estar, “ eu estou / eu sou só” , um “eu” está e é sempre só, isto é, *absolvido, absolutus*, desapegado e, portanto, no mundo tal como na história da filosofia, não há senão “*mais de um único só*”: a solidão, uma certa solidão, é a condição da *singularidade* (a-subjetiva), até mesmo da *unicidade*, de cada um. Notemos também que para Derrida o limiar não assume a forma do solo, do sólido, da solidez fundadora, do fundamento, da fundação – traçando o *para além* do registo ontológico ou fenomenológico, o limiar tem sempre a aparência de um abismo: “O abismo”, explicita Derrida, “não é o fundo, o fundamento originário (*Urgrund*), claro, nem a profundidade sem fundo (*Ungrund*) de algum fundo oculto. O abismo, se o há, é que *há mais de um* fundo, mais de um sólido e mais de um limiar”, *ibid.*

41 “(...) Não creio que tenha de renunciar a toda e qualquer tonalidade, digamos, messiânica, profético ou messiânico. Com as precauções extremamente despojadas, austeras e radicais que tomei em relação ao messianismo e, portanto, ao profetismo.”, Derrida, J. in *Portrait d’un Philosophe - Jacques Derrida* in *Philosophie, Philosophie*, *op. cit.*, p. 26.

da vez (*vez, fois, vicis*)⁴², do evento ou do que acontece –, sempre no limiar da resistência, da dissidência e da re-invenção.

Um idioma com um perfil *meta-onto-lógico*, *meta-fenomeno-lógico*, *meta-antropo-lógico* e *meta-onto-teológico* dotado de pressupostos (teóricos) específicos que, na tradição da “hipérbole” de Platão... *epekeina tes ousias*” e, sobretudo, na do “*en diaphéron héautô*” (o um “diferindo em si”) de Heráclito, esboçam o gosto confesso de Jacques Derrida pelo “hiperbolismo”⁴³ que dita, magnetiza e ritma o seu *pensamento* – os pressupostos da *différance* designados pelos quase-nomes históricos de *messiânico* ou de *messianidade* e de *khôra*, este quase-nome sem referente⁴⁴, esta *véspera* sem idade que é também um “espaço totalmente indiferente” “que cria um lugar para o acontecer”⁴⁵, nas palavras do filósofo. Pressupostos que desenham o perfil hiper-ético da Desconstrução na sua condição de *pensamento do evento, como evento*, e de *pensamento da hospitalidade, como hospitalidade, como uma ética da hospitalidade*⁴⁶.

Quase-nomes “históricos”, necessariamente, como Derrida o observa em *Foi et Savoir* (2000), nomeadamente, que, para além de assinarem a intemperividade messiânica do tempo, lavrando, quer a dissociação entre o *agora* [*maintenant*] e o *presente* [*présent*], quer a disjunção do instante, de cada instante, assinam também a própria *duplicidade da origem*⁴⁷ – uma *duplicidade* que, por sua vez, tanto sinaliza, o desvio na origem e de origem, ou seja,

42 Cf. Derrida, J., «Lettres sur un aveugle» in *Tourner les mots*, *op. cit.*, p. 84.

43 “(...) este hiperbolismo (...) este extremismo intemperante e compulsivo (...) terá invadido a minha vida e o meu trabalho. Dele releva tudo o que avança sob o título de “desconstrução”, claro, [...] a começar por esta “hipérbole” (é a palavra de Platão) que terá comandado tudo, incluindo a reinterpretação de *khôra*, a saber, a passagem para além mesmo da passagem do Bem ou do Um para além do ser (*hyperbolè... epekeina tes ousias*), o excesso além do excesso: inexpugnável.”, Derrida, J., *O Monolinguismo do Outro* (Paris: Galilée, 1996), p. 82.

44 “*Khôra* [...] um nome sem referente, sem referente que seja uma coisa ou um ente, nem mesmo um fenómeno aparecendo *como tal*.”, Derrida, J., “Comme si c’était possible...” in *Papier Machine*, *op. cit.*, p. 523.

45 Derrida, J. in «Sur le don» in J.-L. Marion, *Figures de Phénoménologie*, *op. cit.*, p. 203. Cf. Derrida, J., *Foi et Savoir* (Paris: Seuil, 2000) 30; *Khôra* (Paris: Galilée, 1993); *Spectres de Marx* (Paris: Galilée, 1993); *Force de loi* (Paris: Galilée, 1994).

46 “Por que é que o evento valeria mais do que o não-evento? Eu poderia encontrar aqui algo que se pareceria com uma dimensão ética, porque o porvir é a abertura na qual algo de outro acontece, e é o valor de outro ou de alteridade que disso seria a justificação. No fundo é a minha maneira de interpretar o messiânico: o outro pode vir, pode não vir, não quero programá-lo, mas eu deixo um lugar para que ele possa vir se vier: é a ética da hospitalidade.”, Derrida, J., *Le goût du secret*, *op. cit.*, p. 106.

47 Cf. Derrida, J., *Foi et Savoir* (Paris: Seuil, 2000) 30; *Khôra* (Paris: Galilée, 1993); *Spectres de Marx* (Paris: Galilée, 1993); *Force de loi* (Paris: Galilée, 1994).

a origem em desconstrução⁴⁸, como a tecnicidade e a metafóricidade de origem, bem como a *dupla fonte* ou a *dupla filiação* (Grego-Abraâmica⁴⁹) da civilização ocidental, cada uma delas em si mesma também dupla, quer dizer, não idêntica a si mesma⁵⁰: uma *dupla filiação* que, como Derrida refere em *L’animal que donc je suis* (2006)⁵¹, tecendo embora duas narrativas de estatuto e de origem heterogêneas, desenha duas traduções sintomáticas do modo do viver-juntos no mundo.

E é precisamente a partir deste registro *hiperbológico*⁵², firmado pela *indestructibilidade* deste registro *meta-* (*meta-onto-lógico*, *meta-fenomeno-lógico*, *meta-antropo-lógico* e *meta-onto-teo-lógico*) do *pensamento*, que brotam todos *os impossíveis* ou todos *os incondicionais* da Desconstrução derridiana na sua condição de *pensamento* ou de *experiência impossível do impossível*⁵³ apenas *im-possível*: isto é, a justiça, o perdão, a resposta e a responsabilidade, a decisão, a bênção, a democracia por vir, a tradução, o dom, a morte, a hospitalidade... – *o dom da hospitalidade*, precisamente, pensada como um *tender* para (*tendere*, *teinô* grego)⁵⁴, como uma atenção cuidadosa e uma *ex-posição*, como uma abertura (heterológica ou heteronômica⁵⁵) ao outro, à *visitação* ou à *vinda inesperada* e surpreendente do outro, *seja ele ou ela quem for* ou *o que for*, já que, para Jacques Derrida, “*tout autre est tout autre*”⁵⁶ [“todo o outro é absoluta-

48 “O rastro não é apenas a desaparecimento da origem, quer dizer aqui [...] que a origem nem sequer desapareceu, que ela nunca foi senão constituída em retorno por uma não-origem, o rastro que se torna assim a origem da origem.”, Derrida, J., *De la Grammatologie*, *op. cit.*, p. 90.

49 “Se a herança do pensamento [...] em que estamos inscritos não é única, nem fundamentalmente, nem originalmente grega, é sem dúvida por causa de outras filiações cruzadas e heterogêneas, de outras línguas, de outras identidades que não foram simplesmente acrescentadas como acidentes secundários (o judeu, o árabe, o cristão, o romano, o alemão, etc.); é sem dúvida porque a história europeia não desprezou apenas um dado grego; é sobretudo porque já o grego nunca se reuniu ou identificou a si mesmo [...]”. J. Derrida, “Nous autres Grecs” in *Nos Grecs et leurs modernes*, *op. cit.*, 267.

50 “[...] a filosofia nunca foi o desenrolar responsável de uma única consignação originária ligada à língua única ou ao lugar de um único povo. A filosofia não tem uma única e só memória. Sob o seu nome grego e na sua memória europeia, sempre ela foi bastarda, híbrida, enxertada, multilinear, poliglota, e temos de ajustar a nossa prática da história da filosofia, da história e da filosofia, a esta realidade, que foi também uma *chance* e que permanece mais do que nunca uma *chance*.”, Derrida, J., *La philosophie du point de vue cosmopolitique*, *op. cit.*, 33.

51 Cf. Derrida, J., *L’animal que donc je suis*, *op. cit.*, p. 69.

52 O *hiperbológico* é a *conjugação da lei do paradoxo*, cf. Derrida, J., “Desistance” in *Psyché*, *op. cit.* p. 595.

53 “O interesse da “desconstrução”, da sua força e do seu desejo, se ela o tiver, é uma certa experiência do impossível: isto é, [...] *do outro*”, Derrida, J., *Psyché. Invention de l’autre* (Paris: Galilée, 1987) 27.

54 Cf. Derrida, J., *Hospitalité, Séminaire II*, *op. cit.* p. 145.

55 “a heteronomia é”, como Derrida observa, “a visitação antes do acolhimento”, *ibid.* p. 157.

56 ““Todo o outro é absolutamente outro” [...] caiu primeiro, ousou dizer, como uma pedrada no jardim de Lévinas...”, Derrida, J. in J. Derrida, Malabou, C., *La Contre-Allée*, *op. cit.*, 263.

mente outro”]. Não sem lembrar que a questão da hospitalidade é a questão do lugar, do sujeito e da relação ao lugar, à morada e à alteridade, o filósofo explicita-o em *Le goût du secret*, nomeadamente – ouçamo-lo:

“Dar lugar ao outro” não quer dizer: “devo abrir um lugar para o outro”. É que o outro está antes de mim em mim: o ego (mesmo colectivo) implica a alteridade como sua própria condição. Não é um eu que, de modo ético, dá lugar ao outro, é um eu que está nele estruturado pela alteridade e que se encontra ele mesmo em estado de auto-desconstrução, de deslocação. [...] Este gesto é a possibilidade da ética, mas não é simplesmente a ética, e é por isso que eu falo de messiânico: de qualquer modo, o outro está ali, chegar se quiser, mas antes de mim, antes que eu tenha podido prevê-lo.⁵⁷

Anárquica, incondicional e hiperbólica, a hospitalidade é então a atenção acolhedora ao que acontece ou ao outro, ao absolutamente outro [*tout autre*] na sua condição, não de cidadão estrangeiro, mas de *visitante* imprevisível⁵⁸, de *chegante absoluto* – como tal, isto é, como *acolhimento incondicional* do outro ou do que acontece, a hospitalidade configura o que Derrida chama (com maiúsculas) *A Lei* da hospitalidade. Da hospitalidade incondicional! Isto é, sem alibis de qualquer tipo: aquela que manda acolher sem questões e que é algo assim como o Meridiano da hospitalidade, se a há e/ou quando a há – uma hospitalidade que, designando também o “*pas d’hospitalité?*” tem, no entanto, de vir a inscrever-se, como que depois, nas *leis da hospitalidade*, pervertendo-as e pervertendo-se em termos de “*hosti(pita)lidade [hosti(pita)lité]*”. Razão pela qual “se está sempre mal de hospitalidade”⁵⁹. Isto é, razão pela qual a hospitalidade deixa sempre muito a desejar ... Mas dos esquemas desta inscrição – esquemas entre *A Lei* e as *leis da hospitalidade* que permitem fazer com que as legislações se transformem e evoluam, a fim de que a hospitalidade seja, na prática e em cada nova situação, o mais justa possível – nada direi, porque me interessa sobretudo salientar aqui a *incondicionalidade* que rege *A Lei da hospitalidade*, salientando a par a singularidade da própria Desconstrução como hospitalidade – como um *pensamento da hospitalidade*.

Com efeito, uma tal hospitalidade – que Derrida designará de pura, absoluta, incondicional, justa, poética/po-ética, messiânica ou, no léxico de Lévinas, infinita⁶⁰ ou de *visitação*⁶¹ –, uma tal hospitalidade configura, dizia, como gesto ou como atitude, como disposição, como *Stimmung*, a própria Desconstrução na sua condição de *pensamento da différence* ou

57 Derrida, J., *Le goût du secret*, *op. cit.*, p. 107-108.

58 “Preparar-se para esta chegada do outro é aquilo a que podemos chamar desconstrução. [...] [Ela] regressa [...] a passo do outro.”, Derrida, J., *Psyché. Invention de l’autre*, *op. cit.*, p. 53.

59 Cf. Derrida, J., *Hospitalité II*, *op. cit.* p. 113.

60 Cf. Derrida, J., *Hospitalité II*, *op. cit.* p. 184.

61 Na sua distinção do *rostro do fenómeno*, Lévinas diz que “a epifania do rosto é *visitação*”, Lévinas, E., “La trace de l’autre” in *En Découvrant l’existence avec Husserl et Heidegger*, *op. cit.*, p. 194.

da *alteridade absoluta*⁶², delineando ao mesmo tempo o registro hiper-ético⁶³ e hiper-justo (bem como o registro (já) hiper-político⁶⁴) que dita e magnetiza o seu “*pas au-delà*” (cf. *Parages*, (1986)) do ser, do contexto, da cultura e da história; numa palavra, do instituído ou da condicionalidade: traço da surpresa intempestiva do *impossível*, ou do outro *como outro*, como condição do próprio possível, este registro é, num dizer de Derrida de *Papier Machine* (2001), “a pulsão ou o pulso”⁶⁵ da própria Desconstrução – *a pulsão ou o pulso*, ou seja, a respiração, a vida, a *sobre-vida* [*sur-vie*] da Desconstrução. Uma *sobre-vida* [*sur-vie*] que, para além do registro *escatológico* e *auto-bio-thanato-hetero-gráfico* do *pensamento*, tanto sublinha o hiperbólico como a ritmotopia que o magnetiza e o *locomove/loco[co]move*⁶⁶, assinalando a sua atenção ao golpe do instante – sempre “disjunto” –, e por isso a sua vocação para a resistência, a insurreição e a reinvenção. Com efeito, se “não é [nunca] amanhã a véspera”, também é proibido “ser velho” ou consentir a velhice (cf. “Un ver-à-soi”). Daí a confissão de Derrida, segundo a qual terá sempre sonhado com resistência⁶⁷ e terá vivido a sua morte na escrita: “Se eu tivesse inventado a minha escrita”, confessa o filósofo em *Apprendre à vivre enfin* (2004), “tê-la-ia feito como uma revolução interminável”⁶⁸.

Sublinhemo-lo: ao distinguir o pensamento da filosofia, há no pensamento e na obra de Jacques Derrida uma equação do *pensamento*, da *corajosa e intransigente incondicionalidade* do *pensamento* quer com a ética – todavia repensada e entendida, não como uma área ou como uma especialidade do *corpus* filosófico, mas, pela sua *meta-ontologia*, em termos de *híper-é-*

62 “A “desconstrução” não é um fechamento no nada. Ela é abertura *ao outro*.”, Derrida, J., «La déconstruction et l’autre» in *Les Temps Modernes*, 67 année, Juillet/Oct. 2012, nos. 669/670, p. 26.

63 “(...) para além do direito, da dívida e do dever, haveria que pensar racionalmente uma hiper-ética ou uma hiper-política que não se contente com agir “de acordo com o dever (*pflichtmässig*)” nem mesmo (...) “por puro dever” (...). Esta híper-ética ou esta hiper-política eleva-se incondicionalmente para além do círculo económico do dever ou da tarefa (...) da dívida a reapropriar ou a anular”, Derrida, J. (2003), *Voyous*, *op. cit.*, p. 210.

64 “O pensamento do político foi sempre um pensamento da *différance*, e o pensamento da *différance* foi sempre também um pensamento *do* político, do contorno e dos limites do político”, Derrida, J., *Voyous*, *op. cit.*, p. 64.

65 Cf. Derrida, J., “Comme si c’était possible, “within such limits” ...” in *Papier Machine*, *op. cit.*, p. 308.

66 “(...) numa palavra, a “desconstrução” seria uma certa experiência da viagem, (...) das letras e da linguagem em viagem (...) Viajar é entregar-se à concussão (...) Depois de cada concussão, é preciso renascer e recuperar conhecimento. Nada é mais assustador, nada é mais desejável. Qualquer que seja o pretexto, o lugar, o momento, o veículo, tantas mediações, eu chamo-lhes meios de “loco[co]moção” [“locomotion”].”, Derrida, J. in Derrida, J., Malabou, C., *La Contre Allée* (Paris: La Quinzaine Littéraire/L Vuitton, 1999), 40, 42.

67 Cf. Derrida, J., *Résistances, de la psychanalyse*, *op. cit.*, p. 39.

68 Derrida, J., *Apprendre à vivre enfin* (Paris: Galilée, 2005).

tica ou de “ética hiperbólica”⁶⁹ –, quer com a *justiça*⁷⁰ e com a *hospitalidade*: o *pensamento da différence* é um *pensamento da justiça* e um *pensamento da hospitalidade*, como *hospitalidade* e como *justiça* e, na sua intransigente *incondicionalidade*, a *hospitalidade* é a própria ética. O que também podemos entender como sendo o alcance ético, híper-ético do próprio *pensamento* – ou que deveria inspirar a exigente proibidade do pensar em todas as áreas do conhecimento, das artes e das tecnologias. Uma relevante passagem de *Cosmopolites de tous les pays, encore un effort!* (1996) enfatiza este alcance (híper-)ético da *incondicionalidade do pensamento*, deste *pensamento*⁷¹, tanto quanto da *cultura*, da *cultura* das culturas e da própria *hospitalidade* segundo este pensamento:

Cultivar a ética da hospitalidade – não é, além do mais, esta linguagem tautológica? Apesar de todas as perversões que a ameaçam, nós nem sequer temos de cultivar uma ética da hospitalidade. A hospitalidade é a própria cultura e não é uma ética entre outras. Na medida em que toca ao *ethos*, ou seja, à morada, ao lar, ao lugar do morar familiar, tanto quanto à maneira de aí estar, à maneira de se relacionar a si mesmo e com os outros, com os outros como seus ou como estrangeiros, *a ética é hospitalidade*, é de lés a lés co-extensiva à experiência da hospitalidade, seja qual for o modo como se a abra ou se a limite.⁷²

Notemo-lo, pois: não é apenas por relação com a justiça⁷³, com a incondicionalidade e a messianicidade da justiça⁷⁴ [na sua diferença do direito (sistema jurídico, dispositivos jurídico-políticos) e pensada, num certo rastro de Lévinas⁷⁵, em termos de *uma relação absoluta ao absolutamente outro*, isto é, *ao outro como outro, separado ou secreto*], que Jacques Derrida entendeu *como que* definir a (sua) Desconstrução – “*A desconstrução é a justiça*”⁷⁶, disse ele em *Force de loi* (1994) no contexto de um colóquio com juristas americanos do Legaly College, *Critical Legal Theory* nos Estados Unidos. Ele faz exactamente o mesmo com o motivo da *hospitalidade* – *hospitalidade* que, além do mais, ele considera inseparável de um *pensamento da*

69 “a “ética hiperbólica”, [é] uma ética acima da ética”, Derrida, J., “La Mélancolie d’ Abraham” in *Les Temps Modernes*, 67 année, Juillet/Octobre 2012, nos. 669/670, p. 35

70 Cf. Derrida, J., «Le lieu dit: Strasbourg» in collectif, *Penser à Strasbourg*, *op. cit.*, p. 48.

71 Importa, talvez, ter em consideração : “[...] o fim da moralidade (esta foi a maior das ingenuidades)”, Derrida, J., *D’un ton apocalyptique adopté naguère en philosophie*, *op. cit.*, p. 59-60.

72 Derrida, J., *Cosmopolites de tous les pays, encore un effort!*, *op. cit.*, p. 41-42.

73 Cf. Bernardo, Fernanda, *Derrida – em nome da justiça* (Coimbra: Palimage, 2021).

74 “(...) a justiça (...) é uma relação ao incondicional (...) a justiça é escatológica e messiânica”, Derrida, J., *Le goût du secret*, *op. cit.*, p. 23, 26.

75 Cf. Derrida, J. “Paroles Nocturnes” in *Revue L’Entretien, Jacques Derrida*, 03 (Paris: Seuil/sous-sol, 2017) 79.

76 Derrida, J., *Force de loi*, *op. cit.*, p. 35. E em “Portrait d’un philosophe” in *op. cit.* p. 25, Derrida reitera: “A Justiça, em nome da qual se desconstrói o direito, ou em nome da qual se transforma o direito, esta justiça é indesconstrutível. É a própria Desconstrução.”

justiça e que pensa originariamente como um *dom*⁷⁷ (e não como um *dever*⁷⁸ ou um *direito* – um *dom* que, além do mais, *dá o que não tem*⁷⁹): em *Hospitalité II*, Derrida anuncia a *hospitalidade* como um nome e/ou uma experiência exemplar da própria Desconstrução: questionamento do *próprio*, do *mesmo*, do *um/o*, do *puro*, da *casa* [*chez-soi*], do *oikos*, da *propriedade*, da *apropriação*, da “*presença a si mesmo*”, em suma, da *oikonomia*, da *oikologia* e da *ipséidade* ou da *soberania crática* (isto é, una e indivisível), tão central na *metafísica logocêntrica*, a *hospitalidade* é um nome e/ou uma *experiência exemplar* da própria Desconstrução (como um *pensamento impossível do impossível*). Ouçamos Derrida a dizê-lo – é na quinta sessão do seminário, a datada de 8 de Janeiro de 1997:

(...) a hospitalidade, a experiência, a apreensão, o exercício da hospitalidade impossível, da hospitalidade como possibilidade do impossível (...) é a experiência exemplar da própria desconstrução, quando é ou faz o que tem que fazer e ser, isto é, a experiência do impossível. *A hospitalidade é um nome ou um exemplo da desconstrução*. [...] A hospitalidade é a desconstrução da casa [*chez-soi*], a desconstrução é a hospitalidade ao outro, ao outro de si, ao outro do “seu outro”, a um outro que está para além de todo “o seu outro”⁸⁰.

Sublinho: “*A hospitalidade é um nome ou um exemplo da desconstrução*”. E sublinho-o para salientar que o “belo arco-íris da hospitalidade”, como Edmond Jabès também a designou, este sinal maior de humanidade, de cultura e de civilização⁸¹ – tanto quanto de risco, de perigo e de promessa de re-invenção e de “porvir” [*avenir*] –, não delinea apenas a singularidade da silhueta *meta-onto-fenomeno-lógica* da Desconstrução na sua condição de *pensamento*, de *pensamento da différance*, do *rastro* ou da *alteridade absoluta* – em razão de delinear

77 “(...) a não-fenomenalidade do dom é também a não-fenomenalidade do “outro” enquanto tal.”, Derrida, J. in “Sur le don” in J.-L. Marion, *Figures de Phénoménologie*, *op. cit.*, p. 212.

78 “(...) a ética pura começa para além do direito, para além do dever e da dívida. (...) É portanto preciso dever para além do dever, dever ir para além do direito, da tolerância, da hospitalidade condicional, da economia, etc.”, Derrida, J., “Auto-immunités, suicidas réels et symboliques” in Derrida, J. Habermas, J. Le “concept” du 11 septembre, *op. cit.*, p. 193.

79 “O dom é totalmente estranho ao horizonte da economia, da ontologia, do conhecimento, dos enunciados constativos e da determinação e do julgamento teóricos. [...] O dom como tal é portanto impossível. Insisto no “como tal”. [...] Temos uma relação ao dom que se situa para além do círculo, do círculo económico, e para além da determinação teórica e fenomenológica. É este pensar, este excesso que me interessa. É este excesso que põe o círculo em movimento.”, Derrida, J. in “Sur le don” in J.-L. Marion, *Figures de Phénoménologie*, *op. cit.*, p. 195.

80 Derrida, J., *Hospitalité*, *op. cit.*, p. 152.

81 “A civilização nasceu com a hospitalidade”, de Villepin, D., *Mémoire de paix*, *op. cit.*, p. 564. Veja-se também René Schérer in *Zeus hospitalier. Éloge de l'hospitalité* in collectif, *Le livre de l'hospitalité*, s/d Alain Montandon (Paris: Bayard, 2004).

a abertura ao outro e/ou ao porvir [à-venir⁸²], desenha também o perfil, isto é, e no léxico levinasiano, a própria *incondição* da *subjectividade do sujeito* ou, no léxico derridiano, da *singularidade a-subjectiva* ou *différente*⁸³: de facto, sempre ou, mesmo, já sempre sob o *apelo eletivo* de um outro *ab-soluto* (*ab-solus*), tido pelo “primeiro a chegar” ou pelo “visitante imprevisto, imprevisível, inopinável, inesperado”⁸⁴, na sua “*pass[act]ividade*”⁸⁵, o “sujeito”/”eu”, sempre atrasado e, por conseguinte, sempre sujeito, é para Derrida, na peugada da “subjectividade-substituição”⁸⁶ de Levinas, *arqui-originária* e *incondicionalmente* um *hóspede*⁸⁷ – ou melhor, um *hóspede* do outro na terminologia de *Totalité et Infini* (1961) e um *hóspede-refém*⁸⁸ do outro na de *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence* (1974)⁸⁹.

Derrida enfatiza-o insistentemente: é já sempre como *anfitrião-hóspede*, já sempre *chez-soi-chez-l’autre* – e não como *próprio* ou como dono e senhor de si e da sua casa⁹⁰ –, que o “sujeito” acolhe o outro na sua condição de *visitante* inesperado, de *chegante* absoluto ou, no léxico levinasiano, de “rosto”⁹¹: em Levinas, “rosto” (o modo da *revelação* do outro) combina sempre com “visita” e com “visitação” [*visage, visite, visitation*].

Observar-se-á também que, em francês, a palavra “*hôte*” [proveniente do latim “*hostis*”/“*hospes*”: hóspede/inimigo] tanto pode significar, ao mesmo tempo, o “hóspede” –

82 Em “Abraham, l’autre” (in *op. cit.*, p. 41), Derrida fala no pensamento ou na escrita como “uma hospitalidade ao acontecimento e à chegada do que chega (uma messianidade sem messianismo), ou seja, ao por-vir. O por-vir, ou seja, o outro”.

83 Derrida, J., «Il faut bien manger» ou le calcul du sujet» in *Points de Suspension, op. cit.*, p. 277.

84 Derrida, J., *Hospitalité II, op. cit.*, p. 184.

85 Cf. Derrida, *Demeure Athènes, op. cit.*, p. 58.

86 Cf. Derrida, J., *Hospitalité II, op. cit.*, p. 199.

87 Lembrando que a questão da tradução está intimamente ligada à da hospitalidade, Derrida salientará que, no seu idioma, a palavra *hôte* [hóspede] tanto significa o *hóspede*, recebido ou acolhido, como o *hospedeiro*, aquele que recebe ou acolhe.

88 “O sujeito é um hóspede”, Lévinas, E., *Totalité et Infini* (1998) 334, “O sujeito é refém.” - “[...] esta substituição de refém – é a subjectividade e a unicidade do sujeito.”, Levinas, E., *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence, op. cit.*, p. 142, 158.

89 “O si [soi] é de fio a pavio refém, mais antigamente do que Ego, antes dos princípios. [...] É pela condição de refém que pode haver no mundo piedade, compaixão, perdão e proximidade. [...] A incondição de refém não é o caso limite da solidariedade, mas, sim, a condição de toda a solidariedade.”, Levinas, E., *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence, op. cit.*, p. 150.

90 “Eu não sou o proprietário do meu eu, não sou o proprietário do lugar aberto à hospitalidade. Aquele que dá hospitalidade deve saber que nem sequer é proprietário daquilo que ele tem ar de dar.”, Derrida, J., *Le goût du secret, op. cit.*, p. 108.

91 “A epifania do rosto é visitação”, Levinas, E., “La signification et le sens” in *Humanisme de l’autre homme, op. cit.* p. 50, “O rosto é o que se acolhe ou o que acolhe a transcendência infinita do outro.”, Derrida, J., *Hospitalité II, op. cit.* p. 80.

isto é, aquele, aquela ou aquilo que pede hospitalidade [*hôte/guest*] – como o “hóspede/hospedeiro” [*hôte/host*], isto é, aquele que dá hospitalidade: uma indecidibilidade significativa com a qual J. Derrida joga para, num só lance, nos lembrar que não há hospedeiro [*host*] que não comece por ser o convidado do próprio lugar onde dá hospitalidade: a saber, a língua, a casa, a família, o coração, a cidade, a nação, o país, ... É que desde sempre e sempre o “eu” está assediado e marcado pelo outro – o “eu” vem a *si* (como *si [soi]*, justamente), ou seja, identifica-se no contexto de uma *experiência in-finita de não-identidade a si mesmo*. Originariamente enlutado, pelo outro e por si, o “eu” nasce ou re-nasce até ao fim dos seus dias (Freud *dixit*). Na sua leitura de Levinas, em *Hospitalité II*, Derrida salienta-o ao sublinhar a *incondição anárquica* do “sujeito ético ou acolhedor” na sua insubstituíbilidade em termos de “refém”⁹² como “desapropriação”⁹³, “des-substanciação”⁹⁴, “um-para-o-outro”, “substituição-refém” ou mesmo como “psicose”⁹⁵...

“O chegante”, diz Derrida em “Fidélité à plus d’un” (1996),

deve ser tão surpreendente para mim que eu nem consigo determiná-lo como homem/humano. [...] A hospitalidade aberta ao recém-chegado sem condição deveria abrir-me ao recém-chegado, seja ele quem for, mas também ao que tão facilmente nós chamamos um animal ou um deus. O bem ou o mal, a vida ou a morte.⁹⁶

Do ponto de vista da subjetividade, com o problema da hospitalidade, está em questão a desconstrução do registo egológico ou autonómico, antropológico, ontológico, se não mesmo onto-teo-lógico, da soberania do “sujeito”/”eu” (que dá hospitalidade como dono e senhor): não há *chez soi / chez-soi* [“em si” ou “casa”] que não seja já sempre “*chez soi chez l’autre*” [“em casa em casa do outro”]. “O hóspede torna-se o hospedeiro/anfitrião do hospedeiro/anfitrião”⁹⁷, diz Derrida em *De l’hospitalité* (1997). “Eu é um outro” [“Je est un autre”], diz Levinas, citando Rimbaud e criticando implicitamente o sujeito definido em termos de consciência, intencionalidade, *inter-esse*, liberdade, vontade, poder de decisão, responsabilidade (autonómica), uni-identidade e presença-a-si. Um sujeito, um sujeito autonómico, que Derrida diz não passar de uma fábula⁹⁸! Na verdade, devido à sua finitude/

92 “A ipseidade, na sua passividade sem *arqué* da identidade, é refém. A palavra *Eu* significa *eis-me aqui*, respondendo por tudo e por todos.”, Levinas, E., *Autrement qu’être...*, *op. cit.* p. 145.

93 Derrida, J., *Hospitalité II*, *op. cit.*, p. 179.

94 Levinas, E., *Autrement qu’être...*, *op. cit.*, p. 163.

95 “A unicidade, fora do conceito, psiquismo como grão de loucura”, Levinas, E., *Autrement qu’être...*, *op. cit.*, p. 282.

96 Derrida, J., «Fidélité à plus d’un» in *op. cit.*, p. 247.

97 «L’hôte (*guest*) devient l’hôte (*host*) de l’hôte (*host*)» J. Derrida in Derrida, J., Dufourmantelle, A., *De l’hospitalité*, *op. cit.*, 111.

98 «O sujeito é uma fábula.», Derrida, J., «”Il faut bien manger” ou le calcul du sujet» in *Points de Suspension*

criaturalidade e à sua condição de “atrasado” e, portanto, de originariamente enlutado, ele apenas vem a *si* através do outro, da primazia do outro e da primazia da língua *do* outro a quem tem de responder – como, por excelência, *Le Monolinguisme de l'autre* o refere⁹⁹ – e, portanto, no cenário de uma *experiência auto-hetero-nômica* como um *ser enlutado e protético* (de origem) – a sua *apropriação* (de si mesmo ou da língua *do* outro, da cultura, etc.) não é senão uma *ex-apropriação*. Uma apropriação enlutada.

Implicitamente é também uma crítica tanto à *hospitalidade universal* de Kant – no âmbito da qual o hospedeiro acolhe como dono e senhor do lugar onde “dá” lugar –, como à *hospitalidade de visitaçã*o segundo Levinas, confinada como esta está ao *outro humano* ou ao *irmão universal*: em Levinas, embora absoluto (*ab-solus* – separado), o outro é sempre o *outro homem* – o outro como humano e o humano como homem [o que, para além de gizar uma cena de *antropocentrismo*, não deixa de insinuar também uma de *falocentrismo*, ainda que, como Derrida bem o demonstra em “Le mot d’accueil”¹⁰⁰ (e ele foi o único a fazê-lo!), haja também em Levinas uma importante *hipérbole feminista*¹⁰¹ que descreve uma espécie de pré-ética da própria ética e permite re-pensar e combater as ideologias *feministas*, re-pensando um “feminismo *avant la lettre*” e (ainda) por vir: um bem singular feminismo que, combatendo a dualidade sexual (*sex(d)ualidde*), é sinónimo de acolhimento incondicional e, portanto, de abertura heteronômica ao outro tanto da parte do homem como da parte da mulher].

“A hospitalidade”, diz Derrida na quinta sessão de *Hospitalité* (2022),

deve, deveria, se existir, abrir-se a um outro que não é o meu, o meu hóspede, o meu outro, nem mesmo o meu vizinho ou o meu irmão (Levinas diz sempre que o outro, o outro homem, o homem como outro é o meu próximo, o meu irmão universal, em humanidade, e esta é, no fundo, uma das nossas grandes questões: deve a hospitalidade ser reservada, confinada ao homem, ao irmão universal? Porque, mesmo se Levinas separa a ideia de fraternidade da ideia de “semelhante” e a ideia de próximo ou de proximidade da ideia de não-distância, de não-afastamento, de fusão ou de identidade, ele sustenta que a hospitalidade do hóspede tal como a do refém devem pertencer ao local da fraternidade do próximo); *a hospitalidade deve, deveria, se existir, abrir-se a um outro que não é o meu, o meu*

sion, *op. cit.*, p. 279. Para o registo originariamente protésico e/ou enlutado da subjectividade ou da dita identidade, veja-se também *Le Monolinguisme de l'autre*.

99 Cf. Derrida, J., *Le Monolinguisme de l'autre*, *op. cit.*, p. 71.

100 Cf. Derrida, J., «Le mot d’accueil» in *Adieu, à Emmanuel Levinas*, *op. cit.*, p. 71-85.

101 Cf. Bernardo, F., “O Feminino – o acolhedor por excelência A diferença sexual em desconstrução” in *Musas em Ação IV* Espessuras da [In]Visibilidade: Uma força que vem de dentro; Derrida, J., “Le mot d’accueil” in *Adieu, à Emmanuel Levinas*, *op. cit.*, p. 83-85; Derrida, J., Cixous, H., *IDIOMAS da diferença sexual*, *op. cit.*

hóspede, o meu outro, nem mesmo o meu próximo ou o meu irmão, talvez um animal”.¹⁰²

Eu sublinho – “a hospitalidade deve, deveria, se existir, abrir-se a um outro que não é o meu, o meu hóspede, o meu outro, nem mesmo o meu próximo ou o meu irmão, talvez um animal”: lembrando de passagem que Derrida tem “a questão do [ser] vivo e do vivente animal” como sendo “a grande questão”, a questão “mais decisiva”¹⁰³ – uma vez que configura a questão do próprio humano e de todas as suas manifestações – , eu sublinho para, uma vez mais, realçar não só o registo *meta-ontológico* e *meta-jurídico-político* da *incondicionalidade da hospitalidade* segundo Derrida, mas também o registo *meta-onto-antropo-lógico* que questiona e re-pensa a *tradição sacrificialista* inerente ao *carne-falo-logo-centrismo* da ocidentalidade filosófico-cultural: se existe e quando existe, a *hospitalidade incondicional* ou *messiânica* deverá ser o acolhimento do outro, de um absolutamente outro [*tout autre*] que acontece ser *qualquer um/a* [*quiconque*], não *importa quem* [*n’importe qui*], já que, em Derrida, “*tout autre est tout autre*”: sendo “*tout autre est tout autre*” a ideia-pedra muito explicitamente endereçada por Derrida¹⁰⁴ à humanista ética da santidade¹⁰⁵ (mas, na linha do *kadosh* (separado) hebraico, sem hagiografia) ou da *alteridade absoluta* de Emmanuel Levinas.

É, notemo-lo também de passagem, o *antropocentrismo* dos humanismos tradicionais – incluindo o do muito exigente humanismo *meta-ético* de Emmanuel Lévinas¹⁰⁶ (*um humanismo do outro homem*¹⁰⁷) – que assim também se encontra posto em questão: um *antropocentrismo* que, desde o *Gênesis* bíblico e o *zoon logon ekhon* de Aristóteles, é a cena da soberania crática, isto é, do poder e do domínio do homem sobre o humano/mulher, sobre a natu-

102 Derrida, J., *Hospitalité II*, *op. cit.*, p. 149.

103 Derrida, J., *L’animal que donc je suis*, *op. cit.*, p. 57. E a questão mais decisiva, porque implica: a questão da subjectividade e da humanidade, a questão da vida, da morte, do nome, da resposta e da responsabilidade, a questão do mundo e da vida no mundo, a questão da ética, do político, da técnica, da ciência, da arte, etc.

104 Cf. Derrida, J. in J. Derrida, Malabou, C., *La Contre-Allée*, *op. cit.*, p. 263; «Abraham, l’autre» in *Judéités*, *op. cit.*, p. 22.

105 Para esta questão, cf. Levinas, E., «De l’utilité des insomnies» in *Les Imprévus de l’histoire* (Montpellier: Fata Morgana, 1994) 201.

106 “O humanismo não deve ser denunciado senão por não ser suficientemente humano.”, Levinas, E., *Autrement qu’être...*, *op. cit.*, p. 164.

107 “Discursos tão originais como os de Heidegger e de Levinas perturbam, é certo, um certo humanismo tradicional. São, no entanto, humanismos profundos, e ambos o são, apesar das diferenças que os separam, na medida em que não sacrificam o sacrifício. O sujeito (no sentido de Levinas) e o *Dasein* são “homens” num mundo onde o sacrifício é possível e onde não é proibido atentar contra a vida em geral, apenas contra a vida do homem, do outro próximo, do outro como *Dasein*.”, Derrida, J., ““Il faut bien manger” ou le calcul du sujet” in *Points de Suspension*, *op. cit.*

reza e sobre os animais. Soberania crática que está, justamente, na origem da violência do *carno-falo-logo-centrismo* e do seu brutal e impiedoso *espírito sacrificialista*¹⁰⁸ – um *espírito* que Derrida (nos) apela a repensar e a combater na prossecução tenaz e corajosa de uma *guerra pela piedade*¹⁰⁹, que o mesmo é dizer pela *responsabilidade compassiva* para com a vida do vivente em geral (e não apenas para com a vida do vivente humano). Uma *guerra* em prol de um humano, enfim, digno do nome e que nos parece portadora da *promessa de um absolutamente outro mundo de Luzes por vir*¹¹⁰.

3. Coda – re-pensar (tudo) tout autrement

«[...] *il faut faire l'impossible...*»

J. Derrida in *Manifeste pour l'hospitalité*, p.141

Como num eco da “extravagante hipótese”¹¹¹ (ainda que repensada) de Emmanuel Levinas sobre a origem do Estado e das suas instituições – segundo a qual, sob a “ênfase da exterioridade”¹¹², isto é, da alteridade absoluta, a sociedade, o direito, o Estado e as suas instituições derivariam da “intriga humana” da responsabilidade (*meta-* ou *híper-ética*) pelo outro¹¹³ que é a própria cena da *hospitalidade incondicional* –, Jacques Derrida fará também da *hospitalidade incondicional* à intempestividade do acontecimento ou da singularidade absoluta do outro (seja quem for) uma espécie de princípio *meta-* ou “*trans-ético*”, “*trans-político*” e “*trans-jurídico*” para re-pensar em novos termos o pensamento e o próprio humano, a cidadania, o direito, a desobediência civil, os direitos humanos, a política, a democracia

108 “Trata-se, em todo caso [para o espírito ou para a estrutura sacrificial], de reconhecer um lugar deixado livre, na própria estrutura destes discursos que são também “culturas”, para uma matança não criminosa: com ingestão, incorporação ou introjecção do cadáver. Operação real, mas também simbólica quando o cadáver é “animal” (e a quem se fará acreditar que as nossas culturas são carnívoras porque as proteínas animais seriam insubstituíveis?), operação simbólica quando o cadáver é “humano”. «Il faut bien manger» ou le calcul du sujet» in *Points de Suspension*, *op. cit.*, p. 292-293.

109 Trata-se de uma guerra “entre, por um lado, aqueles que não só violam a vida animal, mas até mesmo este sentimento de compaixão e, por outro lado, aqueles que apelam ao testemunho irrecusável desta piedade. É uma guerra a respeito da piedade.”, Derrida, J., *L’animal que donc je suis*, *op. cit.*, p. 50.

110 Cf. Derrida, J., *Voyous*, *op. cit.*, p. 163 ss.

111 Cf. Abensour, Miguel, «L’extravagante hypothèse» in *Rue Descartes*, *op. cit.*, p. 55-84.

112 Cf. Lévinas, E., *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, *op. cit.*, p. 231.

113 “Não é, assim, sem importância saber se o Estado igualitário e justo onde o homem se realiza (e que se trata de instituir e, sobretudo, de manter) provém de uma guerra de todos contra todos ou da responsabilidade irreduzível de um por todos e se ele pode passar sem amizades e sem rostos. Não é sem importância sabê-lo para que a guerra não se faça instauração de uma guerra com boa consciência.”, Levinas, E., *Autrement qu’être*, *op. cit.*, p. 203.

e as suas instituições: em boa verdade, para os repensar de novo e de outro modo – *tout autrement*. O que é dizer que o registo hiperbólico e, portanto, *meta-onto-fenomeno-lógico* do pensamento desconstrutivo se inscreve – *ex-creve* – ou se traduz no registo da onto-fenomenalidade em geral, que afecta, reelabora e transforma no sentido de uma justiça, de uma perfectibilidade e de uma humanidade crescentes. Como o filósofo o confessa a Michel Wieviorka, em “Le siècle et le pardon” (1999), esta atenção acolhedora e cuidadosa, esta hospitalidade *incondicional*, que caracteriza e define a Desconstrução como *idioma de pensamento filosófico*, leva a cabo uma crítica desconstrutiva de tudo quanto liga o social, a política e a justiça/direito ao fantasma soberanista (*ipsocrático/egocrático*) e implementa uma espécie de nova “fundação” do social, da cidadania, do direito, da política e da democracia no modo de uma “democracia por vir”¹¹⁴. Na verdade, uma espécie de nova “fundação” que é uma inspiração ou um ditame para re-pensar tudo de novo e diferentemente [*tout autrement*] – uma “fundação” que, no entanto, e como Derrida o observa em *Foi et Savoir* (2000), apenas é uma fundação desmoronando-se¹¹⁵, isto é, caindo em escombros. Uma ideia que Derrida reitera, ainda em diálogo com M. Wieviorka, mas desta vez em “Accueil, Éthique, Droit et Politique” (1999) – uma ideia que eu gostaria de recordar aqui para, em jeito de conclusão, enfatizar uma vez mais as implicações filosóficas, sociais, políticas e jurídicas do “*pas au-delà*” que alimenta a Desconstrução e a hiperbolicidade do seu *idioma filosófico* de índole meta-onto-fenomeno-lógica.

“A questão é hoje a de saber”, defende Derrida,

se a hospitalidade releva do político e, portanto, do Estatal. A “desobediência cívica” coloca a questão de saber se eu tenho o direito de agir, enquanto indivíduo de outro modo que enquanto cidadão: convidar quem eu quiser para minha casa, mesmo se a lei mo proíbe. Quando Kant diz que a hospitalidade deve ser universal, mas sob tal ou tal condição, ele fala da hospitalidade do cidadão.

Mas não deveria a hospitalidade, na produção radical da alteridade, ir para além da legislação, como desafio ao Estado? Não se trata da anarquia, no sentido romântico do final do século XIX, mas de um conceito do político que estabeleceria solidariedades e alianças para além deste ou daquele Estado-nação. Nesta perspectiva, poder-se-ia instituir uma política internacional que não seria mais uma política no sentido tradicional, ou seja, submetida à autoridade do Estado.

A ideia de democracia (por oposição ao conceito de república) traz uma espécie de desafio à República e ao político tradicional, algo difícil de conciliar com os deveres políticos.

114 “(...) eu faria deste princípio trans-político [o da experiência (no sentido prático) da singularidade absoluta] um princípio político, uma regra ou uma tomada de posição política: é preciso também respeitar, na política, o segredo, o que excede o político ou o que não releva mais do jurídico. É a isto que eu chamaria a “democracia por vir”.”, Derrida, J., “Le siècle et le pardon” in *Foi et Savoir*, *op. cit.*, p. 129.

115 Cf. Derrida, *Foi et Savoir*, *op. cit.*, p. 32.

Quando peço a modificação da lei francesa para que a hospitalidade esteja mais em conformidade com o que deveria ser, é o cidadão responsável, afirmando o seu desejo de responsabilidade, que se exprime, e do outro lado existe alguém que é mais do que um cidadão, dotado de uma liberdade de agir, de falar ou de receber quem quiser em sua casa, quaisquer que sejam as leis do país do qual sou cidadão. E, tal fazendo, *pretendo assim apelar a uma outra política, a uma outra definição do político.*¹ (Eu sublinho.)

Ao firmar-se na *impossibilidade* ou na *incondicionalidade*² e ao dissociar o excesso ou a hiperbolicidade inerente à *incondicionalidade* da soberania – dissociação que é a marca por excelência da Desconstrução como um *idioma filosófico meta-onto-fenomeno-lógico*³ e *meta-onto-antropo-lógico* –, e ao re-pensar e ao dar a re-pensar a soberania e os seus pressupostos *a partir* e *em nome* da *incondicionalidade justa ou messiânica*⁴, a Desconstrução é um *idioma de pensamento filosófico* que é, ao mesmo tempo, um extraordinário dom e um apelo de Jacques Derrida para re-pensarmos tudo de novo e diferentemente [*tout autrement*] a fim de virmos a lograr um diferente [*tout autre*] “viver juntos”⁵ no mundo – a fim de virmos a lograr um “bem viver juntos”⁶ *em paz* neste mundo.

Ligado ao pensamento e à obra de Jacques Derrida, que uma vez mais, mas de novo, admirativamente hoje aqui saudamos, este *idioma de pensamento filosófico* é uma Luz para a urgência da necessidade de um novo “mundo” de Luzes por vir.

Bibliografia

De Jacques Derrida:

1 Derrida, J. in collectif, *Manifeste pour l'hospitalité*, *op. cit.*, p. 145-146.

2 “(...) exigências de um pensamento que, aliás, não se reduz a uma disciplina (antropologia, direito, história, etc.), nem mesmo à filosofia e à ciência, nem mesmo à crítica. E, justamente, o que eu chamo assim, *pensamento*, é o que corresponde a esta exigência incondicional. O pensamento não é outra coisa, parece-me, senão esta experiência da incondicionalidade, ele nada é sem a afirmação desta exigência.”, Derrida, *Inconditionnalité ou Souveraineté*, *op. cit.*, p. 56.

3 “A desconstrução começa aí. Exige uma dissociação difícil, quase impossível, mas indispensável, entre incondicionalidade (justiça sem poder) e soberania (o direito, o poder ou a força). A desconstrução está do lado da incondicionalidade, mesmo ali onde ela parece impossível, e não da soberania, mesmo ali onde ela parece possível.”, Derrida, J. in Derrida, J., Roudinesco, E., *De quoi demain...*, *op. cit.*, p. 153.

4 “Não se trataria apenas de dissociar pulsão de soberania e exigência de incondicionalidade como dois termos simetricamente associados, mas de questionar, de criticar, de desconstruir, se quiserem, um em nome do outro, a soberania em nome da incondicionalidade.”, Derrida, J., *Voyous*, *op. cit.*, p. 197.

5 Cf. Derrida, J., «Avouer – l'impossible» in *Le dernier des Juifs*, *op. cit.*, p. 25 ss.

6 *Ibid.*

- DERRIDA, Jacques. **Hospitalité, II**, *Séminaire (1996-1997)*, s/d Pascale-Anne Brault and Peggy Kamuf. Paris: Seuil, 2022.
- DERRIDA, Jacques. **Formiga’s**. In *IDIOMAS da diferença sexual*. Coimbra: Palimage, 2018.
- DERRIDA, Jacques. Paroles Nocturnes. **Revue L’Entretien, Jacques Derrida**, 03. Paris: ed. du Seuil/ Ed. du sous-sol, 2017.
- DERRIDA, Jacques.- **La Bête et le Souverain I**, *Séminaire (2001-2002)* s/d M. Lisse, M-L Mallet and G. Michaud. Paris: Galilée, 2008.
- DERRIDA, Jacques. **Le dernier des Juifs**. Paris: Galilée, 2014.
- DERRIDA, Jacques. **Circonfession**. In Derrida, J., Bennington, G., *Jacques Derrida*. Paris : Seuil, 1991.
- DERRIDA, Jacques. **La Conférence de Heidelberg (1988)**, s/d Mireille Calle-Gruber. Paris: Lignes/Imec, 2014.
- DERRIDA, Jacques. **Sur le don**. In J-L., Marion, *Figures de Phénoménologie* (Paris: Vrin, 2012).
- DERRIDA, Jacques. La Mélancolie d’ Abraham. In **Les Temps Modernes**, 67 année, Juillet/Octobre 2012, nos. 669/670.
- DERRIDA, Jacques. La déconstruction et l’autre. In **Les Temps Modernes**, 67 année, Juillet/Oct. 2012, nos. 669/670.
- DERRIDA, Jacques. **Demeure Athènes**. Paris: Galilée, 2009.
- DERRIDA, Jacques. **Apprendre à vivre enfin**. Paris: Galilée, 2005.
- DERRIDA, Jacques. **L’animal que donc je suis**. Paris: Galilée, 2006.
- DERRIDA, Jacques. Le lieu dit: Strasbourg. In collectif, **Penser à Strasbourg**. Paris: Galilée/Ville de Strasbourg, 2004..
- DERRIDA, Jacques. **Voyous**. Paris: Galilée, 2003.
- DERRIDA, Jacques. **Le “concept” du 11 septembre** (com Habermas, J.). Paris: Galilée, 2003.
- DERRIDA, Jacques. Abraham, l’autre. In colectivo, **Judéités**. Paris: Galilée, 2003.
- DERRIDA, Jacques. Portrait d’un Philosophe – Jacques Derrida in **Philosophie, Philosophie, Revue des Étudiants de Philosophie**, Université Paris VIII/Vincennes Saint –Denis, février. 1996.
- DERRIDA, Jacques. **De quoi demain...** (com Roudinesco, E). Paris: Fayard/Galilée, 2001.
- DERRIDA, Jacques. **Papier Machine**. Paris: Galilée, 2001.
- DERRIDA, Jacques. **Foi et Savoir**. Paris: Seuil, 2000.
- DERRIDA, Jacques. **Tourner les mots** (com S. Fathy). Paris: Galilée, 2000.

- DERRIDA, Jacques. **La Contre-Allée** (com C. Malabou). Paris: La Quinzaine Littéraire/ Louis Vuitton, 1999.
- DERRIDA, Jacques. Fidélité à plus d'un. In **Cahiers Intersignes**, number 13 autumn 1998, *Idiomes, Nationalités, Déconstructions*. Paris / Casablanca: ed. Toubkal/ ed. De l'Aube, 1998.
- DERRIDA, Jacques. **À dieu, à Emmanuel Levinas**. Paris: Galilée, 1997.
- DERRIDA, Jacques ; Dufourmantelle, Anne.. **De l'hospitalité**. Paris: Calmann-Lévy, 1997.
- DERRIDA, Jacques. **Cosmopolites de tous les pays, encore un effort!**. Paris: Galilée, 1997.
- DERRIDA, Jacques. **La philosophie du point de vue cosmopolitique**. Paris: Verdier/ Unesco, 1997.
- DERRIDA, Jacques. **Le Monolinguisme de l'autre**. Paris: Galilée, 1996.
- DERRIDA, Jacques. **Échographies – de la télévision**. Paris: Galilée, 1996.
- DERRIDA, Jacques. **Résistances, de la psychanalyse**. Paris: Galilée, 1996.
- DERRIDA, Jacques. **Force de loi**. Paris: Galilée, 1994.
- DERRIDA, Jacques- **Khôra**. Paris: Galilée, 1993.
- DERRIDA, Jacques. **Spectres de Marx**. Paris: Galilée, 1993.
- DERRIDA, Jacques. Nous autres Grecs. In **Nos Grecs et leurs modernes**, s/d Barbara Cassin. Paris: Seuil, 1992.
- DERRIDA, Jacques. **Circonfession**. In Derrida, J., Bennington, G., *Jacques Derrida*. Paris: Seuil, 1991.
- DERRIDA, Jacques. **Mémoires**, pour Paul de Man. Paris: Galilée, 1988.
- DERRIDA, Jacques. **Altérités** (com Labarrière, Pierre-Jean). Paris: Osiris, 1988.
- DERRIDA, Jacques. **Psyché**. Invention de l'autre. Paris: Galilée, 1987.
- DERRIDA, Jacques. **D'un ton apocalyptique adopté naguère en philosophie**. Paris: Galilée, 1983.
- DERRIDA, Jacques. **Envois**. In *La Carte Postale*. Paris: Aubier-Flammarion, 1980.
- DERRIDA, Jacques. **De la Grammatologie**. Paris: Minuit, 1967.
- DERRIDA, Jacques. **Inconditionnalité ou Souveraineté**. Athènes: ed. Patakis, 2002.
- DERRIDA, Jacques. **Le dernier des Juifs**. Paris : Galilée, 2014.
- DERRIDA, Jacques. **Moscou aller-retour**. Paris: L'Aube, 1995.

Outras referências

ABENSOUR, Miguel. L'extravagante hypothèse. **Rue Descartes / 19, Emmanuel Levinas**,

PUF, 1998, p. 55-84.

Colectivo, **Le livre de l'hospitalité**, s/d Alain Montandon. Paris: Bayard, 2004.

Colectivo, **Manifeste pour l'hospitalité**, s/d M. Seffahi. Paris: ed. Paroles d'aube, 1999.

DE VILLEPIN, Dominique. **Mémoire de Paix, Pour Temps de Guerre**. Paris: Grasset, 2016.

LEROUX, Georges. **Hospitalité et Substitution**. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 2020.

LEVINAS, Emmanuel. **Humanisme de l'autre homme**. Montpellier: Fata Morgana, 1972.

LEVINAS, Emmanuel. **En Découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger**. Paris; Vrin, 1988.

LEVINAS, Emmanuel. **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1988.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre Nous**. Paris: Grasset & Fasquelle, 1991.

LEVINAS, Emmanuel. **Paul Celan – De l'être à l'autre**. Montpellier: Fata Morgana, 2002.

LEVINAS, Emmanuel. **Les Imprévus de l'histoire**. Montpellier: Fata Morgana, 1994.

KANT Immanuel. **Projet de paix perpétuelle**, ed. bilingue, tr. fr. J. Gibelin. Paris: Vrin, 2002.